

Porosidade *versus* aporia: destruição e emancipação

Porosity *versus* Aporia: Destruction and Emancipation

Ysnay Barbosa Santos¹

Carla Milani Damião²

Resumo:

O objetivo do presente artigo é compreender, por meio de uma análise do texto “Nápoles” e das teses “Sobre o conceito de história”, ambos de Walter Benjamin, como podemos pensar a possibilidade de emancipação dos povos historicamente oprimidos, partindo das críticas do autor ao historicismo. Para tanto, discorreremos sobre um novo sentido de temporalidade e historiografia.

Palavras-chave: Historicismo; Destruição; Construção; Emancipação.

Abstract: The purpose of this article is to understand, through an analysis of the text “Naples” and the theses “On the concept of history”, both by Walter Benjamin, how we can think about the possibility of emancipation of historically oppressed peoples, starting from the criticisms of the author to historicism. To do so, we discuss a new sense of temporality and historiography.

Keywords: Historicism; Destruction; Construction; Emancipation

APRESENTAÇÃO

Partiremos do pequeno texto de Walter Benjamin, intitulado “Nápoles”, escrito em coautoria com Asja Lacis. Os editores alemães inseriram-no na reunião de fragmentos que recebeu por título “*Imagens do pensamento*” (BENJAMIN, 2011). A ideia que conduz a descrição e os contrastes da cidade de Nápoles é de porosidade. Nosso título relaciona esse sentido, muito útil a Benjamin, para pensar os contrastes entre a cidade moderna e os sinais de arcaísmo, visíveis na arquitetura e paisagem da cidade de Nápoles, ao de aporia, palavra grega que contém o mesmo radical: *poros*, que significa passagem. A aporia é literalmente a negação da passagem. A dialética benjaminiana trabalha com opostos ou extremos de maneira tensionada. A

¹ Graduando em Filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), E-mail: ysnaybarbosa@discente.ufg.br, cv lattes: <http://lattes.cnpq.br/1878972045736681>

² Doutora em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), E-mail: cmdw16@ufg.br, cv lattes: <http://lattes.cnpq.br/2366404598683251>



observação dos contrastes da cidade antecipa certos conceitos que o autor desenvolve como uma crítica da epistemologia moderna e à historiografia do historicismo. Como essa história será transmitida? Qual é o tipo de memória que se constrói na tensão desses extremos?

Ao longo do presente artigo, argumentamos que a porosidade permite indicar uma categoria útil para pensarmos sobre problemas atuais, herdados do nosso período colonial. A crítica de Benjamin ao historicismo e a temporalidade que se cria com base na destruição proposital e anunciada, a fim de reparar uma injustiça que existiu no passado e permanece oculta no presente, é o lastro teórico que ele nos legou para pensar sobre nossa história e de todos os que foram marcados por injustiças de toda ordem. O gesto da destruição, nesse contexto, corresponde à necessidade de desfazer toda e qualquer tentativa de ocultar ou encobrir diferenças. A aporia se desfaz, e a penetração do arcaico no moderno, mostra as marcas desse ocultamento, de forma a apontar para sinais de emancipação. A naturalização da opressão de raça, pode ser um exemplo a ser pensado na própria reflexão crítica ao estudo dos sistemas filosóficos e sua repercussão no presente. Na conclusão, faremos referência a um estudo que se ocupa em mostrar a necessidade de uma leitura atenta das fontes históricas da filosofia, de seus heróis ou santos (alguns foram, de fato, canonizados) de forma a perceber a necessidade de interromper a extensão do dano causado às populações negras e aos povos originários. Trataremos primeiro do conceito de porosidade, associado ao entendimento de Benjamin da cidade napolitana, para em seguida considerarmos sua crítica ao historicismo, junto à dialética entre destruição e construção.

Porosidade, construção da cidade e do sujeito sobre ruínas

A arquitetura é porosa como essas rochas. Construção e ação se entrelaçam uma à outra em pátios, arcadas e escadas. Em todos os lugares se preservam espaços capazes de se tornar cenário de novas e inéditas constelações de eventos. Evita-se cunhar o definitivo. Nenhuma situação aparece, como é destinada para todo o sempre; nenhuma forma declara o seu “desta maneira e não de outra”. Aqui é assim que se materializa a arquitetura, essa componente mais concisa da rítmica da sociedade.



Benjamin identifica em Nápoles uma clara dialética entre forças históricas, uma via arcaica como resquício do medievo indissociavelmente interpelada à modernidade. A cidade é composta pelo inacabado, uma tensão entre o que veio e o que há por vir, em um movimento de resistência no qual se encontra o povo napolitano atravessado pelos interstícios dessa disputa sem desentendimentos. Nesse cenário, construção e ação são correlatas e dependentes, o entrelaçamento das tensões históricas na construção da cidade reflete a construção do fluxo de vida do napolitano. Na cidade que opera entre o arcaico e o moderno tem-se a vida privada do humano igualmente esburacada pela vida coletiva. “Se um dia [o catolicismo] desaparecesse da face da Terra, seu último reduto não seria Roma, mas Nápoles” (BENJAMIN, 2011, p.136)

O capitalismo é o primeiro modo de produção que se configura também como religião, sendo estritamente um culto (BENJAMIN, 2013, p.21) Contudo, este elemento não parece encontrar adesão em Nápoles. Nesta cidade, o modo de produção estabelecido pós-revoluções burguesas se desencontra com o cotidiano do coletivo: “o século XIX inverteu a ordem medieval e natural dos bens necessários à vida, se moradia e vestuário se tornaram obrigatórios às custas de alimentação, aqui então tais convenções foram revogadas” (BENJAMIN, 2011, 137). A conservação das estruturas medievais é essencial para compreender a ideia de porosidade e tensão entre as forças históricas que configuram a estruturação de Nápoles. O que é inacabado impede que a característica configuração do capitalismo cunhe sua forma de culto. A igreja é autônoma e influente de tal forma que, junto à Camorra, se mostra como principal responsável pela resolução das preocupações, aflições, inquietações e conflitos.

As igrejas não se destacam em meio ao centro urbano, mas o compõe, estando presentes entre moradias e demais construções. O aspecto óptico da arquitetura não encontra conflito, as tensões dialéticas, tão polarizadas que seriam irreconciliáveis, se apaziguam na ação da vida cotidiana da população. Neste cenário, a arquitetura apresenta uma linha histórico-lógica reta, esburacada, na qual seus extremos, concomitantemente, circundam por dentro e por fora destes poros de forma



ininterrupta. O povo vive da antecipação, uma comemoração festiva é sempre o que antecede a próxima, assim como as ruínas das estruturas medievais antecipam e competem com o capital, mas nada se realiza, tudo permanentemente se constrói, o novo surge das ruínas e as ruínas vivem no novo até que se torna difícil separar o que é construção e o que é ruína.

A população, que vive amontoadada nessas estruturas, também é atravessada pela porosidade característica da arquitetura. Sua tensão dialética é resolvida pela conjugação entre o privado e o coletivo, o indivíduo particular é atravessado pela vida pública, de modo que a própria existência se dá como fato coletivo. Na modernidade, Benjamin aponta:

Para o homem privado, o espaço em que vive se opõe pela primeira vez ao local de trabalho. O primeiro constitui-se como *intérieur*. O escritório é seu complemento. O homem privado, que no escritório presta contas à realidade, exige que o *intérieur* o sustente em suas ilusões (BENJAMIN, 2019, p.62).

Já na cidade porosa “a casa é muito menos o asilo, no qual pessoas ingressam, do que o reservatório, do qual efluem” (BENJAMIN, 2011, p.143). Ou seja, as estruturas arquitetônicas que compõem a cidade criam uma indissociabilidade entre a porosidade das construções e a vida coletiva, na qual as tensões históricas resultam numa vida privada que depende, materialmente, da vida coletiva.

A porosidade da arquitetura reflete, portanto, a porosidade da vida: traços que se encontram na paixão pela improvisação que torna incerta toda forma, nos espaços que ela vê se tornar teatro popular, na roda radiante da música nas ruas vividas como resíduo do dia festivo passado e ao mesmo tempo um prelúdio para o próximo. São vidas muito distantes daquelas fechadas nos escuros quartéis nórdicos, vidas que caem das casas para inundar a esfera pública das ruas, criando essa interpenetração entre os espaços e, ao mesmo tempo, confirmando as profundas diferenças sociais que permanecem evidentes mesmo na representação no mesmo palco.

Nápoles aparece aos olhos de Benjamin como um lugar de resistência à modernidade dentro de um circuito autorreferencial; uma resistência que se expressa em viver amontoadado nos interstícios dessa porosidade mantendo valores e vestígios arcaicos como baluarte de transformações. (DISTATO, 2017, p.9, tradução nossa)



Neste sentido, as forças históricas parecem competir de tal forma que o triunfo da modernidade configura uma sentença de liquidação da vida napolitana, ao passo que os resquícios do medievalismo são os responsáveis por impedir o colapso desta ordenação, imprimindo suas formas reacionárias de administração da vida coletiva. Decretar a modernidade em Nápoles seria declarar o fim de sua história.

Emancipação *versus* Historicismo

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo estanca e ficou imóvel (*Stillstand*). Pois esse conceito define exatamente o presente em que ele escreve a história para si mesmo. O Historicismo arma a imagem “eterna” do passado; o materialista histórico, uma experiência com o passado que se firma aí única. Ele deixa aos outros se desgastarem com a prostituta “era uma vez” no prostíbulo do Historicismo. Ele permanece senhor de suas forças: viril o bastante para fazer explodir o contínuo da história. (BENJAMIN, Tese XVI, 2005, p. 128)

Podemos partir da concepção de fluxo histórico apresentada em Nápoles para compreender a necessidade de uma prática historiográfica não-historicista tendo por base a filosofia da história desenvolvida por Benjamin.

Cria-se uma dicotomia entre a experiência do indivíduo em seu tempo histórico e a abordagem historicista. O historicismo trata o presente como uma consequência da narrativa que chamou de passado, compreendendo o passado como a forma de se explicar o presente. Deste modo, quando se analisa os desdobramentos históricos pela perspectiva historicista o que se tem é um nexos causal de eventos alinhados de forma a configurar o presente.

O Historicismo contenta-se em estabelecer um nexos causal entre os diversos momentos da história. Mas nenhum fato, por ser causa, já é, só por isso, um fato histórico. Ele se tornou tal postumamente, graças a eventos que dele podem estar separados por milhares de anos. O historiador que parte disso cessa de passar a sequência dos acontecimentos pelos seus dedos como as contas de um rosário. (BENJAMIN, Apêndice A, 2005, p.140).



Pensar a história segundo Benjamin é indissociável de conceber a revolução, no sentido marxista. Nisso, a ideia de uma história porosa se contrapõe diretamente à visão historicista, pois a história porosa compreende a formação do tempo presente como um interstício entre os tempos históricos ao invés de uma relação causal que tem por objetivo explicar o presente. Para tanto, são centrais e indispensáveis dois conceitos benjaminianos: destruição e construção.

A ideia da construção sobre ruínas em Nápoles se faz oportuna para pensar esta relação: “Em tais recantos mal se percebe o que ainda está sob construção e o que já entrou em decadência. Pois nada está pronto, nada está concluído.” (BENJAMIN, 2011, p.139) Ora, isso não se mostra somente no sentido da ação cotidiana como já discutido, mas também na filosofia da história benjaminiana, em termos de um determinado tipo de temporalidade, qual seja, ininterrupta. A arquitetura, como a “componente mais concisa da rítmica da sociedade” (BENJAMIN, 2011, p.139), esboça uma temporalidade de destruição e construção, indissociável da ação humana. Da mesma forma se dá a história, sendo o passado não o que determina o presente, mas uma instância transitória que se dá continuamente por meio dos processos de destruição e construção. “El historiador materialista debe destruir la representación del tiempo continuo para hacer perceptible la dimensión salvadora de la historia”. (ANDERSSON, 2014, p.361)

Destruição e construção na filosofia benjaminiana são uma antítese à ideia de “reconstrução” que o historicismo opera³. A reconstrução é um movimento unitário, um fluxo contínuo e linear que “desfaz as marcas mais propriamente humanas da intervenção na história e serve, ao contrário das suas expectativas objetivistas, ao conformismo e aos arranjos vigentes de poder” (GUERREIRO, 2021, p.190). Logo, o objetivo do historiador deve ser de assumir um “papel destrutivo” na representação do tempo que se encontra na condição de contínuo, fazendo perceptível o fluxo temporal dos interstícios.

³ Cf. “Experiência e pobreza”, de 1933, texto no qual Benjamin refere-se a um movimento semelhante na arquitetura moderna, à qual prefere em relação a simples ideia de reconstruir o mesmo estilo arquitetônico, esvaziado de sentido no presente. Sua crítica se volta ao classicismo ou neoclassicismo arquitetônico e à arquitetura moderna, sendo esta última capaz de construir a partir de ruínas, sem copiar um estilo que desperta um tipo de experiência que deixou de existir.



É relevante lembrar que a ideia de destruição não era estranha à tradição do pensamento filosófico alemão, tampouco nos escritos de Benjamin⁴. Desde Goethe, especialmente depois de Nietzsche que nos mostra o vínculo entre criação e destruição em *Zarathustra*, podemos ouvir o eco da “destruição criativa” nietzschiana nas palavras de Benjamin, por exemplo nessa passagem:

O que leva a esta imagem apolínea do destruidor é, antes de mais nada, o reconhecimento de que o mundo se simplifica terrivelmente quando se testa o quanto ele merece ser destruído. Este é o grande vínculo que envolve, na mesma atmosfera, tudo o que existe. É uma visão que proporciona ao caráter destrutivo um espetáculo da mais profunda harmonia. (BENJAMIN, 1986, p.187)

A ideia de destruição em Benjamin parece bem expressa na composição paradoxal ou na dialética dos extremos “destruição/construção”, com remissão aos extremos nietzscheanos: “dionisíaco/apolíneo”. A referência, porém, vai além da tradição que Benjamin herda do pensamento alemão, para chegar a um estreito diálogo com Brecht, por meio do qual rompe com a pretensão de recompor a totalidade simbólica ao considerar a destruição em aspecto criativo.

O efeito brechtiano de estranheza (*Verfremdungseffekt*) pode ser identificado na ruptura com o sentimento de empatia; efeito reforçado pela ideia de destruição, ruptura na continuidade temporal expressa na historiografia, bem como em narrativas construídas de forma acrítica. Da ruptura com a temporalidade contínua, surgem os conceitos afirmativos de tempo-do-agora (*Jetztzeit*) e de “imagem dialética”, vinculados ao ato revolucionário, expresso na metáfora do “despertar” da consciência histórica. A memória não está mais relacionada a relógios, mas a dias especiais no calendário. Estes dias não seguem uma linha do tempo, saltam de um tempo linear, de um movimento de destruição, de explosão do contínuo da história, criando um instantâneo, como que paralisando o movimento para não nos conduzir à reconstituição da utopia paradisíaca, mas à catástrofe.

Outros conceitos construtivos também surgem da destruição, como o de “constelação” e o de “mosaico”. Porém, sob a certeza da impossibilidade de que venham a recompor a expressão da totalidade. Por isso, a alegoria se torna a

⁴ Cf. verbete “Destrucción/Construcción” de Dag Andersson (ANDERSSON, 2014, p.361-415). Essas considerações estão em consonância com o artigo _____



expressão legítima para os períodos históricos dos séculos XVII a XIX, em contrapartida à inteireza do símbolo.

Portanto, o “despertar” é uma rede de conceitos que se refere ao momento de destruição, que interrompe o *continuum* e cria uma situação não só aporética ou de impasse, mas de significação e transição. A interrupção gera uma dimensão que pode ser reconhecida como o zerar do tempo, no sentido em que implica destruir o conceito de tempo como homogêneo e linear. Nesse sentido, a destruição serve para desfazer uma forma enganosa de experiência, servindo à possibilidade de construção de uma epistemologia crítica.

A ideia de superação da leitura historicista está amplamente relacionada com a necessidade e capacidade emancipatória do humano. O processo de libertação dos oprimidos se daria com base na edificação de uma nova experiência histórica cunhada a partir das ruínas. A figura da ruína mostra que o processo de construção é indissociável do processo de destruição, pois destruir a ideia de fluxo contínuo é criar um novo local na história capaz de construir uma nova temporalidade.

Gostaríamos de comparar duas teses, bastante conhecidas, citadas e debatidas que levam o entendimento emancipatório do humano, por meio de uma percepção intermitente da história, a uma relação com a teologia, para além do materialismo histórico. São teses I e IX.

Como se sabe, deve ter havido um autômato, construído de tal maneira que, a cada jogada de um enxadrista, ele respondia com uma contra jogada que lhe assegurava a vitória da partida. Diante do tabuleiro, que repousava sobre uma ampla mesa, sentava-se um boneco em trajes turcos, com um narguilé na boca. Um sistema de espelhos despertava a ilusão de que essa mesa de todos os lados era transparente. Na verdade, um anão corcunda, mestre no jogo de xadrez, estava sentado dentro dela e conduzida, por fios, a mão do boneco. Pode-se imaginar na filosofia uma contrapartida dessa aparelhagem. O boneco chamado "materialismo histórico" deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia, que, hoje, sabidamente, pequena e feia e que, de toda maneira, não deve se deixar ver.

Jeanne Marie Gagnebin (2006) comenta a relação entre a alegoria da boneca como representante do materialismo histórico e a alegoria do anão que representa a teologia. Note-se que a figura do anão é reconhecível em diferentes textos de



Benjamin, entre os quais *Infância berlinense por volta de 1900* e seus ensaios sobre Kafka, nos quais o anão aparece como uma figura do limiar.

Para Gagnebin, “Benjamin não se entrega a elaborações teóricas sobre a relação entre materialismo e teologia” (GAGNEBIN, 2006, 295) nessa imagem composta justamente na primeira tese, mas haveria sobretudo um apelo lúdico do jogo que deve ser conjuntamente experimentado com o objetivo de vencer o inimigo: o fascismo. A comentadora ressalta também que “o sucesso do autômato reside em seu segredo, que por sua vez depende de ilusões de ótica e de um truque de construção; a mesa é manipulada como adereços para um show de mágica” (GAGNEBIN, 2006, 296). Isso leva a pensar que as alegorias do boneco e do anão não são constituídas doutrinariamente. A imagem é construída a partir de um objeto tecnológico e não como uma figura orgânica e simbólica. Ressaltando desse modo o “caráter lúdico e ilusório do aparato” (GAGNEBIN, 2006, 296).

A teologia aparece, portanto, em conjunto com o materialismo histórico na forma de alegoria, configurando uma relação na qual a teologia não mostra-se central, mas coprotagoniza timidamente o processo de destruição e construção de um jogo. Esta alegoria se apresenta na construção de uma nova temporalidade, resultado da união alegórica entre esses dois personagens, com o intuito de combater um único inimigo, o fascismo.

A segunda imagem, objeto de muita especulação e referência em contexto variados é a que foi motivada por um dos quadros da série de anjos do pintor suíço Paul Klee.

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhes lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. (BENJAMIN, 2022, p.14)

A teologia assume um importante papel na configuração desse novo tempo que há de ser construído, porém não no sentido religioso ou de culto. Construir uma nova temporalidade é uma perspectiva de “salvação”. Seu tipo seria aquele que está



relacionado ao conceito herético de “apocatástase”⁵, um conceito conhecido de alguns ensaios de Benjamin que prevê a salvação total, eliminando, dessa maneira, a ideia de “inferno” e a de “povo escolhido por deus” das religiões.

O conceito de construção encontra-se intimamente relacionado a esta ideia de salvação, pois é justamente na condição de destruição que a pilha de escombros avistada pelo anjo cresce. Em termos espaciais, enxergamos, através da figura do anjo, a impossibilidade de recolher cada caco do passado, descartado em situação de injustiças. Em termos temporais, a alegoria do anjo não nos permite avistar o momento de interrupção do fluxo contínuo que permite a construção daquele estado do qual pode surgir o momento de libertação e exaltação daqueles que foram negligenciados na equação historicista que resultou no presente. Essa situação é avistável naquele limiar de possibilidade da vinda do “Messias”.

Esta nova temporalidade é o tempo messiânico, não como o que traz a salvação, mas sim como o tempo que redime o passado, eliminando totalmente a ideia de fluxo contínuo que perpetua as relações de dominação do presente. A destruição possibilita que se assuma uma nova relação com o objeto e, a partir dessa nova relação constrói-se o tempo-do-agora (*Jetztzeit*).

No decorrer das teses, Benjamin desenvolve uma relação da construção e percepção do tempo a partir de uma filosofia da história. O historicismo legitima o presente de opressão e, portanto, deve-se ler a história a “contrapelo”. Contudo, ler a narrativa da ação humana através do tempo a contrapelo de uma visão historicista significa reconstruir um entendimento crítico de epistemologia sem desvinculá-la da ética e da política. O movimento descrito se dá a partir do momento em que o sujeito se percebe atravessado por uma história que não é determinista, mas sim a composição de todo o fluxo que determina tanto a vida coletiva quanto a privada. A ordem do conhecimento é subvertida, mas diferentemente do instaurado na modernidade, sua orientação não aponta para o futuro e sim para um passado experienciado mas nunca descrito, pois descrevê-lo iria contra o objetivismo historicista que equaciona o passado de modo a arquitetar a opressão do presente.

⁵ A ideia de apocatástase foi condenada como herética no Segundo Concílio de Constantinopla, em 553, três séculos após a morte de Orígenes de Alexandria, conhecido também como Orígenes Cristão. Haveria um sentido semelhante desta ideia radical de redenção no cristianismo no misticismo judaico, na ideia de Tikkun.



A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora (*Jetztzeit*), assim, antiga Roma era, para Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, o passado que ele fazia explodir do contínuo da história. (BENJAMIN, tese XIV, 2005, p.119)

O tempo-de-agora é o resultado da percepção histórico materialista do tempo. Ao passo que, a partir da alegoria das ruínas, se ergue na destruição a construção de uma temporalidade messiânica. O ato de interromper o fluxo histórico é o que caracteriza, para Benjamin, o movimento revolucionário. Interromper o fluxo do tempo é enxergar o tempo-de-agora, a possibilidade “de se antepor à consolidação política e historiográfica de uma ‘imagem irrestituível do passado’” (GUERREIRO, 2021, p.196), sendo, portanto, abandonadas as leis que ditam o movimento histórico em prol do reconhecimento do sujeito e do coletivo.

O conceito de revolução em Benjamin consiste num compromisso emancipatório da memória dos oprimidos, resultado da compreensão da assimilação ideológica do historicismo, fazendo com que seja indispensável uma leitura da temporalidade e da historicidade que abarque as relações entre destruição e construção para que se faça entender as marcas mais propriamente humanas na história.

Neste sentido, a porosidade pode ser entendida como uma prova do fluxo histórico, da construção histórico-cultural do sujeito e da capacidade de emancipação revolucionária. Ou seja, a materialização dos processos revolucionários como uma subversão à narrativa historicista desempenha o mesmo papel na epistemologia dos historicamente oprimidos. Concomitante ao movimento real de luta do proletariado, a própria classe ao se ver atravessada pelos processos históricos que a formularam, conseguem irromper sua construção epistêmica tal como fazem com o fluxo histórico. A percepção do proletariado de que a concretização da Revolução Francesa não se daria em conjunto à burguesia faz com que o próprio indivíduo, atravessado pelo coletivo (classe) tome consciência de si na mesma medida em que a classe tome consciência de si mesma.

Portanto, a compreensão da história enquanto interstícios de suas épocas é um ponto de partida não só para uma leitura anti-determinista da história, mas



também para a emancipação real dos historicamente oprimidos e suas constituições epistêmicas.

Assim como o *Manifesto Comunista* encerra a época dos conspiradores profissionais, também a Comuna põe fim à fantasmagoria que domina o primeiro período do proletariado. Ela desfaz a ilusão de que seria tarefa da revolução proletária concluir a obra de 1789 de mãos dadas com a burguesia.” (BENJAMIN, 2019, p.68)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo desenvolveu-se uma análise comparativa entre dois textos de Walter Benjamin, sendo algumas teses de “Sobre o conceito de história” e “Nápoles”. A análise, focada na noção de fluxo histórico, debate a prática do historicismo enquanto apresenta, a partir da ideia de porosidade, uma história de interstícios. O conceito de porosidade se torna central ao passo que o historicismo conduz uma leitura direcionada para uma aporia.

Essa aporia remete não apenas a uma negação de uma temporalidade que conjugue passado e presente, mas a uma relação antiética com a memória daqueles que sucumbiram de maneira injusta no passado. O que o historicismo cunha é uma leitura histórica linear, direcionada para um futuro por meio da ideia de progresso, na qual o presente se mostra como produto do passado e instrumento de validação das opressões vigentes. O que o historicismo oculta, justamente, são as opressões do passado que continuam ativas no presente.

Pretendeu-se, portanto, apontar como a partir de uma leitura da história em sua porosidade é possível subverter a narrativa determinista do historicismo considerando as ideias de destruição e construção. Estes conceitos permitem desconstruir o fluxo histórico, de forma a apresentar novas perspectivas para a historiografia, apresentando uma crítica epistemológica de cunho ético e político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:



ANDERSSON, Dag. “Destrucción/Construcción”. In: WIZISLA, Erdmut/OPITZ, Michael, **Conceptos de Walter Benjamin**. Trad. Martín Azar. Buenos Aires, Las Cuarenta, 2014, p.361-415)

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa (et al.). São Paulo, Cultrix/Edusp, 1986. pp.187-188.

BENJAMIN, Walter. **O Capitalismo Como Religião**. Tradução de Nélio. Schneider. São Paulo, Boitempo, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Rua De Mão Única. Obras escolhidas. Volume II*. José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 2011, 6ª ed.

BENJAMIN, Walter. **O Anjo Da História**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão; Tradução do alemão: Irene Aron. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2019.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: LÖWY, Michel. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses ‘Sobre conceito de história’**. Tradução [das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

DAMIÃO, Carla M./GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Monument, Memory and Destruction: Voices from the Past and Cries in the Present”, *The Polish Journal of Aesthetics*, n.47, 4/2017, p.73-92.

DISTASO, Leonardo. “Uma cidade porosa: notas de Walter Benjamin sobre Nápoles”. In: AVETA, Aldo/MARINO, Bianca Gioia/AMORE, Raffaele (ORG.), **La Baia di Napoli. Strategie integrate per la conservazione e la fruizione del paesaggio culturale**. *Grandi Opere Collana Direta*, 2017, p.8-16.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Über den Begriff der Geschichte”. In: LINDNER, Burkhardt (Org.), **Benjamin Handbuch. Leben-Werk-Wirkung**. Stuttgart-Weimar, J.B. Metzler, 2006, p. 284-300.

GUERREIRO, Gilmário Guerreiro da. **A Exigência Política Do Despertar: Escrita, Política E Revolução Em Walter Benjamin**. 2021. 214 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

